

## DA IDEOLOGIA: PARA O EXORCISMO DE UM INSTRUMENTO DE ANÁLISE

José Carlos S. Araújo\*

### 1. Introdução:

Gestada durante séculos, desde a alta Idade Média, uma nova concepção de homem e de mundo chega à maturidade no século XIX.

Uma nova ordem se estabelece: as idéias culturalmente liberalizantes geraram o denominado liberalismo; por sua vez, este se tornou o parâmetro por excelência de e para uma nova ordenação jurídica da sociedade: o capitalismo, o Estado Moderno, a ciência, a religião, a educação, a saúde, a cultura, etc. Tudo veio a passar pelo crivo do ideário liberal. Tudo é permeado por ele. É um referencial antropologizante novo e um novo modo de compreender o homem e o mundo: o individualismo, a igualdade, a liberdade, o contrato (enquanto mediação fundamental das relações humanas), a tolerância e a propriedade são categorias assumidas como valores naturais e fundamentais da existência humana e da sociedade<sup>1</sup>.

Esse edifício novo veio sendo construído no interior mesmo do antigo, à medida que as implosões culturais se fizeram necessárias, tendo em vista uma utopia que a tudo contagiava: o

homem, como ser com os outros, mediado pela cultura, só devia privilegiar valorativamente uma visão intramundana da existência no mundo com os outros homens. Isso não aconteceu repentinamente, mas foi fruto de um tatear lento, constante mas irregular, mais ou menos chocante em alguns momentos (por exemplo: a Reforma de Lutero e as suas sequelas na Europa e no Novo Mundo; a Revolução Francesa, etc).

Este esboço histórico a respeito da construção social de um novo modo de compreender o homem e o mundo tem apenas a finalidade de introduzir o enfoque, de caráter histórico-epistemológico, que se pretende dar à questão: o que há de ideológico subjacente à temática da ideologia? Ou, o que é ou está sendo mistificador naquilo que é considerado mistificação (ideologia)?

Estas anotações pretendem elaborar uma compreensão, de um modo preliminar e pouco exaustivo, das origens do tema da ideologia, a fim de afirmar suas limitações e insuficiências. Para isso, vamos questionar o porquê do aparecimento da palavra ideologia com sentido pejorativo e irônico, num primeiro momento; e, posteriormente,

\* Professor do Departamento de Filosofia/UFU.

1. GOLDMANN, L. *La philosophie des lumières*, p. 1-133.

porque passou a ter uma conotação política.

## 2. Ideologia: para além de sua significação etimológica<sup>2</sup>:

Embora os dicionários não titubem em registrar que Antoine Louis Claude, conhecido por Conde Destutt de Tracy (1754-1836), tenha direitos autorais sobre o termo ideologia, utilizado pela primeira vez em 1796, isso não é suficiente para o tipo de preocupação introduzida anteriormente. O etimológico não tem sentido por si mesmo. Algo aconteceu que fosse necessário nomear, a fim de explicar uma realidade diferente. Três aspectos, mutuamente complementares, justificam ir além do etimológico:

Primeiro: a significação etimológica do termo como designante de "ciência das idéias". Neste sentido, a ideologia era concebida como uma disciplina filosófica cujo objeto era a análise das idéias com a finalidade de descobrir as sensações em que se baseiam. Por conseguinte, as idéias nesse contexto originário e primordial não apresentaram nenhuma vinculação lógica, metafísica, psicológica ou gnoseológica. As idéias tinham um fundamento fisiológico, porquanto as sensações básicas são sensações corporais. Assim, por exemplo, existem idéias aceitáveis, porque se

fundam na experiência, e inaceitáveis, porque não têm fundamento na experiência.

Segundo: decorrente do primeiro, é necessário que se enquadre essa preocupação teórica no interior do Enciclopédismo do século XVIII francês. Este movimento intelectual pretendia cobrir toda a gama de fenômenos, e as idéias não ficaram relegadas a segundo plano. O estudo das idéias, ou a ideologia, porém, tinha objetivos práticos imediatos, o que é uma característica do espírito enciclopedista. Alimentado por essa visão, o estudo das idéias visava à ação ou, no mínimo, o conhecimento devia ser útil para atuar no mundo e transformá-lo. Tratava-se, em última análise, de conhecer os mecanismos que fossem capazes de catalizar indivíduos em torno de idéias. Convém frisar: isso nada tinha a ver com política, ainda.

Com isso, pretendia-se fugir da metafísica (denominada então por psicologia), afirmando que o pensamento possuía compartimentos, um ligado à essência do homem, à liberdade; o outro, derivado do mundo. Nesse contexto, Destutt de Tracy propôs-se a atuar no mundo, transformá-lo, para que a liberdade, a essência, se realizasse: "cabia à nova ciência a tarefa de desvendar os mecanismos que garantiam essa articulação espúria, para libertar a essência e permitir sua concretização no mundo"<sup>3</sup>.

2. Para maiores detalhes quanto à etimologia, cf. M. Chauí. *O que é ideologia*, p. 22-31; K. Mannheim. *Ideologia e utopia*, p. 97-100.

3. COIMBRA, M.A. *Estudantes e ideologia no Brasil*, p. 22.

Portanto, havia uma crença otimista no poder da Razão, bem como se sustentava a possibilidade de reorganizar a sociedade com base em princípios racionais. E ideologia aqui significava o lado espúrio da Razão. Era necessário eliminá-lo para dar lugar às idéias aceitáveis e racionalmente iluminadas. No contexto do Século das Luzes, o pensamento correspondia à Razão associada à não-Razão (Ideologia).

E, finalmente, um terceiro aspecto, referente ao tom pejorativo que Napoleão Bonaparte assumiu em relação a um grupo de estudiosos da Ideologia. A atitude política de alguns deles (Destutt de Tracy era um deles), antes partidários de Napoleão e, posteriormente, seus opositores, suscitou da parte deste comentários críticos, qualificando-os de ideólogos. Eis aí o caráter irônico e pejorativo do termo ideologia, com clara motivação política, porém sem uma conotação nitidamente política. A referência de Napoleão não pressupunha que as idéias dos ideólogos tivessem um condicionamento social, como mais tarde Marx<sup>4</sup> veio a trabalhar a partir do livro A Ideologia Alemã (escrito em torno de 1845-1846). Como se viu anteriormente, os ideólogos estavam preocupados com uma teoria genética das idéias numa perspectiva eminentemente sensorial.

### **3. Ideologia como construção social da realidade:**

Historiando o percurso originário

da palavra ideologia, conclui-se que o tema da ideologia se encontra subjacente a uma preocupação epistemológica contemporânea, ou seja: a possibilidade ou impossibilidade da consciência representar o real. Em outras palavras: o que é verdadeiramente real?

É por aqui que se adentra na questão da ideologia como falsa consciência: a suspeita de que esta possa existir postula necessariamente a suspeita virtual de que qualquer ato de cognição seja ou esteja errado. Estabelece-se então a desconfiança.

Tal conceito é fruto de um processo, ele tem uma história, e é nela que se deve buscar a compreensão da significação epistemológica que o conceito de ideologia implica. As questões da falsa consciência e da natureza da realidade adquirem um matiz político.

De início, é interessante observar que há um relativo parentesco entre o desdém pejorativo de Napoleão Bonaparte para com os ideólogos e a significação posterior do tema da ideologia, preliminarmente trabalhado por Marx. Todavia, e é isso que aqui importa, o que se deprecia é a validade do pensamento do adversário. Eis um trecho da declaração de Napoleão num discurso ao Conselho de Estado em 1812, em resposta à postura política dos ideólogos: "Todas as desgraças que afligem essa tenebrosa metafísica, que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas ba-

4. CHAUI, M. *O que é ideologia*, p. 33-125.

ses a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história”<sup>5</sup>.

Esta significação emergente da noção de ideologia “traz a marca da posição e do ponto de vista daqueles que o cunharam, a saber, os homens de ação política. A nova palavra sanciona a experiência específica do político com a realidade, e empresta sustentação à irracionalidade prática, que tem tão pouco apreço pelo pensamento como um instrumento para captar a realidade”<sup>6</sup>. Está aí plantada a semente do que germinaria em 1845-1846 com Marx em A Ideologia Alemã. De Napoleão a Marx, apesar de tudo, o conceito de ideologia retém o critério político para aferir o verdadeiramente real.

Embora o termo ideologia apareça vinculado necessariamente à tradição marxista, Marx nunca se achou um ideólogo, embora suas referências implícitas aos jovens hegelianos os qualifiquem como ideólogos: isso só é possível por quem está fora da ideologia. Note-se aqui um primeiro problema, que será retomado adiante.

Em suas origens, bem como em seu desenvolvimento, a palavra ideologia é uma descoberta feita no seio do conflito político: “as idéias expressas pelo indivíduo são... funções de sua existência”<sup>7</sup>. Há como que uma cons-

trução social da realidade quando se visa pôr em circulação uma compreensão da mesma.

Parafraseando Wittgenstein, a significação da abordagem ideológica está (relativamente) presa aos limites do modo de ver o mundo (“os limites de minha linguagem denotam os limites do meu mundo”). A arte da desconfiança deve ser cultivada na análise dos embates políticos: a palavra torna-se um artilho, pois nem sempre significa o que enuncia. Senão, vejamos: “Se, antigamente, o conhecimento errôneo era aferido pelo recurso à sanção divina, que revelava infalivelmente o verdadeiro e o real, ou pela contemplação pura em que se supunha descobrir as idéias verdadeiras, atualmente vai-se buscar o critério de realidade, em primeiro lugar, em uma ontologia, derivada da experiência política”<sup>8</sup>(grifos meus). Veja um exemplo: em 1983, durante o Congresso Mineiro de Educação, os grupos de estudo e discussão estavam tão preocupados com as entrelinhas de um documento da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, que se esqueceram das linhas. Desconfiança era a bandeira de luta para descobrir a ocultação, a falsa consciência, a manipulação, a mistificação presentes num documento político detentor dos aparelhos ideológicos, o Estado. “Atitude igualmente mecanicista manifesta-se também na busca desenfiada de in-

5. *Ibidem*, p. 24.

6. MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*, p. 98.

7. *Ibidem*, p. 82.

8. *Ibidem*, p. 99.

tenções subjacentes em todos os textos, na tentativa, por exemplo, de reduzir tudo ao ideológico<sup>9</sup>.

A análise da ideologia tem normas: é frequente acontecer que os iluminados pelo conhecimento científico e metodológico se julguem donos do conhecimento desinteressado, tornando-se expropriadores dos que produzem o conhecimento interessado. Os iluminados vêem com clareza o equívoco dos outros. Seus equívocos são intocáveis, mas certamente trata-se de uma impossibilidade não teórica; quem sabe, não seja ela gerada pelo escondimento de suas ideologias. A confissão de que se respira e se defende uma ideologia burguesa não fica bem para quem empreende um conhecimento objetivo, científico, com ferramentas metodológicas infalíveis. A crítica permite dissecar tudo por dentro. Quem está de fora enxerga melhor.

Parece-nos que, para quem está dentro ou fora, vale o seguinte enunciado de MERTON: "se os homens definem situações como reais, elas são reais em suas consequências"<sup>10</sup>. Na página seguinte, este autor oferece maiores explicações: "Os homens respondem não apenas aos aspectos físicos de uma situação, mas também, e, por vezes, primariamente, ao sentido que esta situação tem para eles. Uma vez que eles atribuem algum sentido à

situação, o seu comportamento subsequente e algumas das consequências deste comportamento são determinadas por este sentido anteriormente atribuído"<sup>11</sup>.

Trabalhando melhor essa idéia: quem está de fora define o que é ideológico (o que está dentro, o que está escondido). Quem está dentro, por sua vez não se acha assim, e qualifica de dentro o que está fora. Tal atividade tornar-se-ia um jogo monótono, se isso fosse somente um jogo. Porém, a nível do processo histórico, portanto contextualizando, é um jogo político motivador, e se torna uma teia muito bem tecida: o eu, de fora, tentando descrever, para compreender, o jogo que acontece dentro. O academicismo tem mesmo suas coisas risíveis: o eu constrói uma explicação, constrói uma compreensão, mas corre o risco de se tomar escravo da compreensão que construiu.

Analogamente, se alguém grita "Fogo!" dentro de um cinema, a título de brincadeira, isso gera pânico entre os espectadores e, por fim, o autor do grito torna-se uma vítima hospitalizada.

Ou para falar com P. Ricoeur: "a questão – questão lancinante – é a seguinte: de que lugar falam os pesquisadores numa teoria da ideologia generalizada? É preciso que confessemos:

9. GADOTTI, M. *Educação e compromisso*, p. 94.

10. MERTON, R.K. *Social theory and social structures*. Apud: ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*, p. 46.

11. *Ibidem*, p. 46.

este lugar não existe. E existe ainda menos que numa teoria da ideologia restrita, onde só o outro está na ideologia”<sup>12</sup>. Isso nos conduz à imagem especular: o que realmente existe? O eu ou a imagem do eu projetada pelo espelho? De qual instância posso falar melhor? Qual discurso, dentre os dois, traduz melhor o real? De onde posso falar com melhor propriedade? Creio que “. . . ideologias são distâncias. . .”<sup>13</sup> que possibilitam os grupos sociais representarem-se a si mesmos. Sem distância em relação a si mesmos, os grupos sociais não conseguiriam resolver seus conflitos. Ou melhor, as ideologias são “. . . discordâncias referentes ao curso real das coisas”<sup>14</sup>.

#### 4. Algumas observações epistemológicas em torno do tema da ideologia:

A abordagem ideológica se defronta com a significação das idéias na manutenção de uma ordem social injusta. Ou, pelo aspecto positivo, a abordagem ideológica se ilude numa luta utópica para resolver a seguinte questão: como as idéias podem criar uma sociedade justa? Criticar ideologias significa criar alternativas que possibilitam a transformação consciente da sociedade.

Neste sentido, a ideologia é uma “motivação-anteparo”, segundo a expressão de P. Ricoeur; no entanto, é uma motivação que resguarda “uma esquematização imposta, pela força, aos fatos”<sup>15</sup>; isto é, torna-se um modelo categorial, um tipo-ideal ao estilo weberiano. A realidade é suposta, e à teoria cabe explicá-lo (o modelo). E neste aspecto a categoria ideologia apresenta alguns senões, alguns limites, algumas insuficiências (já foram apontadas algumas anteriormente).

Além de ela ser uma esquematização apriorística, um modelo ideal, ela, por incrível que pareça, é “uma concepção cega, falsificadora, que nos impede de reconhecer a realidade”<sup>16</sup>. Esta concepção está ligada àquela (a do modelo categorial) no sentido de que uma se alimenta da outra para continuar tentando a compreensão do mundo humano. Elas se contradizem, na verdade, são o inverso uma da outra. Bem entendida, a analogia do espelho dá no mesmo: a imagem do eu no espelho não é propriamente o eu, apesar da necessidade do espelho para o eu se tornar imagem do eu. Todavia a imagem do espelho (fornecida pelo espelho) é invertida: a orelha direita projetada pelo espelho não é a orelha direita, e sim a esquerda. O espelho fornece a imagem do eu; ele não projeta o que se deseja que seja projetado. Por isso, pode-se

12. RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*, p. 89.

13. *Ibidem*, p. 89.

14. *Ibidem*, p. 89.

15. *Ibidem*, p. 157.

16. *Ibidem*, p. 157.

qualificá-lo de autoritário, como a ideologia, enquanto categoria típica-ideal: a realidade deve caber dentro do espelho, aceitar a imagem que for oferecida, e não a desejada.

Situável historicamente, a categoria ideologia se vê na iminência de compreender necessariamente o sentido do fenômeno da existência humana num mundo cada vez mais pluralista. Num mundo monolítico, a categoria não existia. A interpretação do sentido da história na sociedade moderna careceu de uma categoria que servisse como anteparo no duro embate que é a compreensão humana no e do mundo.

De um modo geral, o conceito de ideologia é negativista: isso demonstra que é incômodo o conflito numa visão tolerante, secular e existencial da história, do homem e do mundo. Além disso, é necessário tomar o devido cuidado na utilização da noção de ideologia, que em regra se confunde com a noção de cultura na tradição marxista: há uma sobreposição da categoria ideologia à cultura (apenas Gramsci traz uma luz diversa sobre o tema, porém acaba conceituando ideologia de maneira muito semelhante à que se faz com a cultura). Quando isso ocorre, chega-se mesmo a afirmar que tudo é ideológico, inclusive beber água na cuia. "... o sectarismo só consegue fazer uma leitura, porque vai ao texto com uma só perspectiva, fechando-se para outras; o

texto não se faz ouvir, o leitor não é questionado por ele. Por isso, a leitura puramente ideológica é também uma leitura alienante"<sup>17</sup>.

No âmago da questão, em suas raízes, a ideologia é prima da idéia de Ilustração, tão querida do século XVIII (O Século das Luzes); "... a sociedade pode e deve ser transformada pela Razão, de que uma ordem social justa só pode ser criada consciente e racionalmente"<sup>18</sup>.

Clamando por mais alguém para testemunhar, tem-se que "o mundo era integralmente outro e a Europa um centro de mudanças universais. A longa transição para o capitalismo desarticulava a matriz feudal e a Nova Ordem passava a exigir uma nova Razão para decifrá-la. Sob o impulso do sopro de transformação que sacudia todo o edifício social, a Razão precisava também mudar. Ela necessitava mudar qualitativamente. Para que fosse o guia indisputado da ação do homem, a Razão se via forçada a uma tarefa de repensamento de sua própria natureza. Se Deus ficara mudo, no meio do burburinho das confissões que se encontravam, se a voz do Rei fora silenciada em sua autoridade pelos mercadores e vendilhões, se o mundo se transformava num mar sem fim, onde buscar a Verdade senão na Razão?"<sup>19</sup>. E a ideologia passou a existir como coisa que obstaculizava a Razão. Eis uma

17. GADOTTI, M. *op. cit.*, p. 95.

18. DURHAM, E.R. *Cultura e ideologia*, p. 8.

19. COIMBRA, M.A. *op. cit.*, p. 15.

explicação histórico-epistemológica: é problemático perseguir a Razão, e não poder segui-la, porque a não-Razão (ideologia) é um entrave.

Historicamente, a ideologia passou a habitar o universo simbólico humano quando a “descrença do homem para com o homem. . . se torna explícita e reconhecida. . . Somente quando buscamos, mais ou menos conscientemente, descobrir a fonte de sua (dos homens) inverdade em um fator social é que estamos propriamente fazendo uma interpretação ideológica”<sup>20</sup>.

E, para Foucault, aqui se situa uma de suas objeções à noção de ideologia como categoria operacional. Ou seja, ela se refere necessariamente ao sujeito<sup>21</sup>. Isso se deve ao alargamento do conceito de ideologia que acabou por sobrepor-se e até açambarcar o conceito de cultura. A participação e a pertença humana ao universo simbólico (o que propriamente a mesma coisa que o processo da cultura) significa ideologização. E como a ideologia é algo espúrio, o sujeito humano não pode ser sujeito humano, não pode vir-se tornando sujeito humano. A interpretação ideológica recruta-o para a ilusão, para a falsidade, para a inconsciência. Não há espaço para o lúdico, o espontâneo, o gratuito. Tudo é vigiado. O que está por detrás é mais importante que o fenômeno da cultura. Este se constitui numa espécie de cor-

tina: basta abri-la, e serão descobertos o engano, a falsidade, a inconsciência, a distorção, a manipulação, a mistificação, o desvio, etc.

O que fora nomeado para libertar o homem passa a ser opressão: “o que se conseguiu através desse procedimento foi, de um lado, alargar de tal forma o conceito de ideologia que ele perdeu toda a especificidade – tudo que implica em simbolização é ideologia. De outro, politizar excessivamente o universo simbólico de modo que, tudo sendo ideologia, tudo é também dominação e tudo se expressa pela dominação: desde a concepção do Estado até a relação entre mãe e filho; desde o discurso do governante até o jogo de futebol, a gafeira e o circo, desde a definição de cidadão até o homossexualismo”<sup>22</sup>. Este é o drama do homem moderno, inclusive do não acadêmico: aprende e vive uma cultura, sendo constantemente ameaçado pela afirmação de que habita numa ideologia. É o mesmo o drama do réu injusta e formalmente acusado. O réu é justo, mas é sempre reú. O estigma lhe pertence, torna-se seu. A ideologia, de uma certa forma, implica numa visão estigmatizada do real.

A emersão da categoria ideologia só foi possível quando da vigência de uma filosofia da consciência. E as raízes disso estão em Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831), que Husserl (1859-1938) retoma já no início do século XX:

20. MANNHEIM, K. *op. cit.*, p. 87.

21. FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p. 7.

22. DURHAM, E.R. *op. cit.*, p. 10-11.



a grande revolução foi deslocar para a consciência o que antes era objetivo. Kant distingue o fenômeno do nùmeno (a coisa em si, a essência).

Antes, a filosofia clássica afirmava que a coisa se manifestava como fenômeno, mas o nùmeno é que importava desvelar (tirar o véu). A verdade está na realidade exterior, independente da consciência, do homem. No entanto, para Kant, só o fenômeno é cognoscível: a razão só encontra nas coisas aquilo que ela lá mesmo depositou (Prefácio de A Crítica da Razão Pura).

Estava lançada a visão fenomenológica: "fenômeno é o que não pertence ao objeto em si mesmo, mas se encontra sempre na relação entre ele e o sujeito, e é inseparável da representação que este tem daquele"<sup>23</sup>. A organização da experiência é garantida pela unidade do sujeito que percebe. Assim, "... concebe-se o mundo como uma unidade estrutural, e não mais como a pluralidade de acontecimentos esparsos... Acha-se relacionado em sua integridade a um sujeito..."<sup>24</sup>.

Essa deslocação do objeto para a consciência-sujeito é de muita importância, porque ela está circunscrita ao advento de uma sociedade cuja historicidade é problemática para ela mesma. E isso se dá ao nível da consciência. Quando nenhuma explicação transcen-

dental satisfaz em vista de uma fundamentação do sentido da existência, da vida, do homem, do mundo, o mesmo sentido veio ser procurado no próprio processo de existência histórica. Uma sociedade propriamente histórica é uma sociedade para a qual o fato de ter uma história, de ter uma origem é uma questão. É aí que a ideologia emerge.

"A questão da historicidade é uma questão muito grave, uma questão muito complexa em termos do saber, na medida em que aquilo que institui o social é a ação de sujeitos que são instituídos por esse próprio social, que explica a origem de noções como as de contrato social e de natureza que seria superado pelo contrato quando os homens naturais decidem tornar-se homens sociais"<sup>25</sup>. Explicar tal questão, eis o problema emergente da ideologia. Um outro é o da origem de um poder "separado do social, de um poder político destacado da sociedade. A sociedade histórica é aquela que tem que dar conta do advento do poder do Estado como algo que ocorre no interior dela, mas ao mesmo tempo tem que dar conta do processo pelo qual ocorre a separação desse poder face à própria sociedade que a produziu, de tal modo que, na gênese do político... vamos enfrentar o mesmo problema que existia para explicar a gênese do social. Ou seja, a reflexão tem que dar conta do momento no qual a Lei, fundadora do

23. KANT, E. *Crítica da Razão Pura*: § 9 – Estética transcendental.

24. MANNHEIM, K. *op. cit.*, p. 92.

25. CHAUÍ, M. *Crítica e ideologia*, p. 18.

26. *Ibidem*, p. 19.

político, estabelece a própria fundação da sociedade”<sup>26</sup>.

## 5. Conclusão:

Para Foucault, a noção de ideologia é “difícilmente utilizável”, e as justificativas deste autor não são desprezíveis.

Uma delas já foi comentada anteriormente, quando ele assegurara que a noção de ideologia refere-se necessariamente ao sujeito. Uma outra é que “... queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade”<sup>27</sup>. Mais adiante, sua justificação fica mais clara: “o problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a ‘consciência’ das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade”<sup>28</sup>.

Mais que um pressuposto, esta segunda objeção de Foucault ao conceito de ideologia é um corolário, que se deduz do próprio conceito: A verdade se opõe virtualmente à ideologia, ou esta àquela (depende do ângulo que se

queira abordar).

Uma terceira e última objeção coloca a ideologia como ocupante de uma “... posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc”<sup>29</sup>. Na seqüência dessa idéia, novamente a simbolização é dicotomizada através de uma sobreposição da ideologia à mesma.

O universo simbólico é relegado na análise histórico-social, e por isso mesmo emerge a construção de um modelo apriorístico sobre o social a fim de reduzi-lo necessariamente à antinomia entre infra-estrutura e superestrutura. E, assim, a teoria não consegue explicitar o modelo: uma teoria crítica da sociedade fica comprometida porque o modelo construído ainda é um esboço de uma maquete.

E aqui estamos em condições de dar alguns palpites em torno da operacionalização metodológica do conceito de ideologia. Afinal, toda e qualquer produção científica que pretenda fazer uma abordagem ideológica, precisa discuti-lo com a finalidade de construir um tipo-ideal, um modelo, uma espécie de óculos para visualizar melhor o real. Metodologicamente, é um risco, porque a perspectiva teleológica na construção do modelo acaba se tornando dogmática: o fim acaba sendo a construção do

27. FOUCAULT, *op. cit.*, p. 7.

28. *Ibidem*, p. 14.

29. *Ibidem*, p. 7.

modelo perfeito, ideal, bem acabado, e a análise, apenas um exercício intelectual aplicado ao político em sentido amplo. Isso acaba esterilizando outras dimensões da cultura.

Para finalizar, este trabalho quis apenas apresentar uma certa censura ao abusivo uso da categoria ideologia nos meios acadêmicos. Talvez sirva tão somente para um acerto de contas pessoal, porém agora compartilhado com essa problemática hodierna quanto a uma visão antropológica que o referido tema implica.

O objetivo foi apontar para alguns aspectos problemáticos que envolve

o tema da ideologia. É preciso recuperar o sentido contido na frase de Foucault: "a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideologia; é a própria verdade"<sup>30</sup>. E isso é o que todos procuram no seio do embate político, com ou sem ideologia. É preciso desideologizar a preocupação com a temática da ideologia. É preciso exorcizar essa espécie demoníaca no que ela tem de demoníaco, a qual perturba a busca da verdade, ao mesmo tempo que se torna paradigma para os sábios. O embate político e gnoseológico não deverá ser, pelo contrário, simplesmente edênico, como não haverá de ser tão somente demoníaco.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3 ed., Lisboa, Presença, 1980.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. S. Paulo, Cortez, 1981.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 3 ed., Petrópolis, Vozes, 1976.
- BOLAN, V. **Sociologia da secularização** A composição de um novo modelo cultural. Petrópolis, Vozes, 1972.
- BUNGE, M. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte, Itatiaia; S. Paulo, EDUSP, 1980.
- CANGUILHEM, Georges. **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Lisboa, Edições 70, s/d.
- CAPALBO, C. **Ideologia e educação**. S. Paulo, Convívio, 1978.

30. *Ibidem*, p. 14.

- \_\_\_\_\_ **Metodologia das Ciências Sociais** A fenomenologia de A. Schütz. Rio de Janeiro, Ed. Antares, 1979.
- CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 3 ed., São Paulo, Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_ "Crítica e ideologia". **CADERNOS DO SEAF** nº 1, p. 17-32.
- COIMBRA, M.A. **Estudantes e ideologia no Brasil**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.
- CURY, C.R.J. **Ideologia e educação brasileira**. S. Paulo, Cortez e Moraes, 1978.
- DIAS SOBRINHO, José. "Ideologia pedagógica". **REFLEXÃO**, ano VI, nº 20, maio-agosto de 1981, p. 5-15.
- \_\_\_\_\_ "Sobre o conceito de ideologia em Althusser". **REFLEXÃO**, Campinas, ano VII, nº 23, maio-agosto de 1982, p. 68-85.
- DURHAM, E.R. "Cultura e ideologia", 11p. (texto datilografado).
- ESCOBAR, C.H. **Ciência da História e ideologia**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1981.
- GADOTTI, M. **Educação e poder**. S. Paulo, Cortez e Autores associados, 1980.
- \_\_\_\_\_ **Educação e compromisso**. Campinas, Papyrus, 1985.
- GEERTZ, Clifford. "A ideologia como sistema cultural". IN: VERÓN, E. **El proceso ideológico**. 2 ed. Buenos Aires, Tiempo contemporáneo, 1973, p. 13-46.
- GOLDMANN, L. **Structures mentales et création culturelle**. Paris, Ed. Anthropos, 1970.
- MACHADO, L.Z.E. **Estado, escola e ideologia**. S. Paulo, Brasiliense, 1983.
- MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. 2 ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. S. Paulo, Grijalbo, 1977.

MICELI, S. "Gramsci: Ideologia, aparelhos do estado e intelectuais". **REFLEXÃO**, Campinas, ano VI, nº 19, jan.-abril de 1981, p. 5-46.

MORA, J. Ferrater. **Diccionario de Filosofia**. 4 ed., Madrid, Ed. Alianza, 1982.

NEVES, L.C.A. "Ideologia capitalista e a práxis pedagógica". **REFLEXÃO**, Campinas, ano VI, nº 20, maio-agosto de 1981, p. 97-107.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

SOARES, O. **Pequeno dicionário burguês-proletário**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

VERÓN, E. "Condiciones de producción, modelos generativos y manifestación ideológica". IN: VERÓN, E. **El proceso ideológico**. 2 ed., Buenos Aires, Tiempo contemporáneo, 1973, p. 251-293.

\_\_\_\_\_ **Ideologia, estrutura e comunicação**. S. Paulo, Cultrix, 1970.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília, Ed. da UnB, 1982.

WERNECK, V.R. **A ideologia na educação**. Petrópolis, Vozes, 1982.